

Há Bernardos Soares de Lisboa a Tóquio e foi para eles — ou por eles — que o livro que não é livro se foi escrevendo, ou a cinza dos dias o foi escrevendo por Fernando Pessoa. Visão do impasse do imaginário, é uma escrita que releva de um tempo — o

Tempo de Pessoa ou O Inconsolador

Eduardo Lourenço

Penso às vezes que nunca sairei da Rua dos Douradores. E escrito isto, então, parece-me a eternidade

Livro do Desassossego

Cinzentos e luminosos. Falo de um texto. Do vertiginoso texto parado, opaco e cintilante que não irradia para o exterior mas se concentra num só ponto de máxima densidade. Esse ponto onde um texto não tem sujeito, não é lugar de nenhuma história, mas da ausência de todas as histórias. Um texto que ao aproximar-se do grau zero da ficção institui por esse movimento um outro espaço de ficção, a ficção silenciosa da existência em busca de nome e, por isso, de toda a gente e de ninguém.

No outro Pessoa todo havia «eu» a mais sob a fingida abdicação do antigo herói de tudo o que acontece entre nós e o universo. Só no *Livro do Desassossego* a abdicação é real, o teatro interior findo, o anonimato perfeito.

No *Livro do Desassossego* se consigna a grande dor e a secreta exultação da existência humana como intrinsecamente anónima, *in-transcendente* em todos os sentidos da expressão que dramatiza em excesso o nenhum peso do seu conteúdo. Mas de todas as cruzes que os homens inventaram para ser sublimes esta — definitivamente sem crucificado por já não haver motivo de holocausto a Deus, ao Poder, à Glória, ao Saber, à Arte, ao próprio Sonho que neles se sonhava — a do anonimato da universal Rua dos Douradores é a única que pesa e não tem resgate. Ou é ela mesma a encarnação do resgate impossível.

É a universal evidência desta revelação às avessas, o calmo fulgor que irradia desta lareira escrita onde a ilusão se consome sem deixar mais rasto que o

do silêncio — de fim do mundo ou de começo de outro tão improvável como o que acaba — que converte o *Livro do Desassossego* no manual de mutantes do nosso crepúsculo cultural de ocidentais, antigos escribas da sua própria aventura como aventura divina.

Escrever para dizer que não é possível escrever

Bernardo Soares escreve de si como de ninguém, com aplicada consciência de escriturário, não do Nada grandioso que inspirava as efusões épicas do profissional de génio que foi Alvaro de Campos, mas dos «nadas» que tiram a esse antigo sócia de Deus, o seu suposto esplendor. Não é a sua condição de escravo cardíaco das estrelas nem o deslumbramento fictício que delas desce que o exalta e lhe pede a distraída a quase indiferente notação. É o que há de mais insignificante à sua volta, o que passa despercebido como se tivesse nascido para isso, o que simula tão bem a existência como puro espectáculo indiferente à ideia mesma de um espectador ele, que se vem inscrever quase que a seu pesar, na escrita transparente de *O Livro do Desassossego*.

Na verdade, por mais surpreendente que esse olhar, sem olhos de gente por detrás, que Bernardo Soares pousa sobre os telhados de Lisboa, o rosto quotidiano e sobrenatural do mais cinzento dos seus companheiros de mesa ou de escritório, a sua própria vida — sobretudo a sua própria vida — oscilando sem cessar entre a consciência da sua nulidade e a exaltação quase jubilosa do seu pouco de existência, o único personagem do seu verdadeiro falso diário é esse acto de escrevê-lo, a escrita que ela é, e onde, inexplicavelmente, o insignificante muda de sinal e a extraordinária irrealidade de to-

das as coisas começa, de súbito, a ser real.

Não havia na literatura portuguesa e, em tal grau, na maioria das outras, uma tão lúcida visão do impasse do imaginário moderno, anunciado por Flaubert e transfigurado no *Livro do Desassossego* em reiteiração pura da impossibilidade de escrever senão para dizer que não é possível escrever. Escrever como acto ontológico onde a aparência do mundo de si mesmo se faz espelho ou o imaginário eu conservava a ilusão de existir escrevendo-se. A escrita como de-existência é o único sujeito da prosa de Pessoa e é como formulador — em linguagem transparente — desta evidência que o *Livro do Desassossego* se vai tornando, em toda a parte onde com surpresa é acolhido, como pura poética de um silêncio, hoje coexistente com toda a manifestação escrita.

O escriturário (neuro) da idade do Vazio

Não aprendemos no *Livro do Desassossego* nada que não soubéssemos já através do que é costume chamar a sua «poesia». Contudo, é um outro tipo de mensagem que sob as mesmas fórmulas em prosa desloca a perspectiva euforizante de todo o poético — só por sê-lo — do seu espaço sublimado para qualquer coisa como um «terreno vago» escrito onde nenhuma mensagem é concebível e menos do que todas a mensagem em que um outro Pessoa se encarnou e os fiéis dela o desejariam solidificar.

É pela rasura das mensagens, pelo canto raso do insignificante — concebido como o que vale a pena na escrita que não dizendo já o ser, o diz da única maneira ainda plausível — que o livro de Pessoa vai ao encontro de um imaginário ocidental que se conhece bloqueado e goza a delícia desse

bloqueamento.

Como poeta da *Mensagem*, Pessoa ter-nos-ia ficado em casa pelo vínculo em excesso particular — pese aos seus exegetas extáticos — que religa o seu sentido, por mais vocacionado que seja para a fala de um mistério universal, a uma História que só o é para nós. Como Não-Mensagem, *O Livro do Desassossego* rasura a sublimidade do nosso imaginário privado e comunica, na luminosidade do seu olhar de anjo do quotidiano no espaço sem fronteiras de um imaginário sem sujeito. Há Bernardos Soares de Lisboa a Tóquio e foi para eles — ou por eles — que o livro que não é livro se foi escrevendo, ou a cinza dos dias o foi escrevendo por Fernando Pessoa.

Há pouco um jornal estrangeiro registava, como uma evidência já sem surpresa, o triunfo de Pessoa. Importa menos esta vitória exterior, sob o signo da publicidade universal, que as razões dela.

O que Lipovetski chama a Idade do Vazio tinha já os seus escribas épicos ou burlescos de génio, de Kafka a Beckett e Ionesco ou os seus glosadores cintilantes como Cioran, mas não o seu escriturário neutro. Neutro e ao mesmo tempo dentro e fora dessa experiência do vazio como essência da Modernidade. Tudo seria mero eco atrasado do sentimento da existência imaginariamente sublime como aquela que na *Mensagem* serve de pedestal para uma última metamorfose da poética romântica — se esse «vazio» não pudesse ser circunscrito pela palavra que o diz. E é todo o alcance do *Livro do Desassossego* e da sua estratégia oblíqua. É no rosto das coisas menos gloriosas, por assim dizer, à tração, que Fernando Pessoa servindo-se de Bernardo Soares como de um Watson inteligente colhe na sua rede esse «vazio» inerente a tudo e colhendo-o o nega no momento mesmo em

que por ele é contaminado.

O milagre é imprevisível. Mas que um adjectivo no sítio certo ilumina a paisagem como um relâmpago basta para que o não-ser do mundo se suspenda e se volva escrita do ser. Mas de nada valerá o adjectivo exacto se a exactidão dele não servisse a visão, sobre fundo de nada, do universo que todo o gesto heróico não basta para esconder. Como de nada valerá se essa mesma visão do nada, nada metafísico, colhida como uma rosa por distração, não lhe servisse para redimir por um humor sem tradição entre nós a realidade atroz em que converte cada destino. Não é fácil imaginar tanta crueldade e tanta compaixão — uma e outra como anónimas — como a de certas páginas do *Livro do Desassossego*, de um humor vertiginoso e de não menos vertiginosa tristeza.

«O único viajante com verdadeira alma que conheci»

Entre elas a do retrato do «maior viajante», quase seu duplo ainda mais anónimo e nosso duplo:

«O único viajante com verdadeira alma que conheci era um garoto de escritório que havia numa outra casa, onde em tempos fui empregado. Este rapazito colecionava folhetos de propaganda da cidade, países e companhias de transportes; tinha mapas — uns arrancados de periódicos, outros que pedia aqui e ali — tinha recortados de jornais e revistas ilustrações de paisagens, gravuras de costumes exóticos, retratos de barcos e navios. Ia às agências de turismo, em nome de qualquer escritório hipotético ou talvez em nome de um escritório existente, possivelmente o próprio onde estava (...). Não era só o maior viajante porque o mais verdadeiro que tenho conhecido: era também uma das pes-

soas mais felizes que me tem sido dado encontrar. Tenho pena de não saber o que é feito dele, ou, na verdade, suponho somente que deveria ter pena; (...) deve ser homem estúpido, cumpridor dos seus deveres, casado talvez, sustentáculo social de qualquer — morto, enfim, em sua mesma vida. É até capaz de ter viajado com o corpo, ele que tão bem viajava com a alma.»

A janelas destas nunca ninguém assomara antes. Ou talvez: Raul Brandão, mas só em primeiro grau. É o que entre tanta coisa os distingue. Entre a mesma visão triste do universo, a distância dos astros. A distância escrita, a escrita como distância que inventou para nós esse olhar que vê não só o inverso de todas as coisas mas o que eternamente lhe falta para que nós acreditemos nelas, para crer que existimos por analogia. Era negativo — não era mesmo humanismo o de Fernando Pessoa e sobretudo o de Bernardo Soares, como escrevia há pouco Luc Ferry para designar a visão futura do séc. XXI. Era onde estava já nos começos deste século o empregado Bernardo Soares. Foi preciso um século para que ficássemos colegas do escritório dele.

É sem dúvida isto o que explica o «sucesso» de Pessoa. E ninguém o prenderá numa argola que não existe para quem fabricou muitas para não ter nenhuma. Agora neste momento, os que precisam de quem os leve ao colo para pátrias que ele rejeitou queriam — querem — transformá-lo no grande ídolo da nossa Cultura, no seu grande consolador. Mas o inconsolável por outrem que por si mesmo na sua suicidária e eufórica escrita não tem para nós mais que o emprego sem emprego da inconsolação, da redução vertiginosa das nossas ilusões vitais e culturais — o jogo de deuses indiferentes às ruínas da cidade em fogo. ■



Pessoa Mínima.
Escritos Sobre
Fernando Pessoa
de António Tabucchi
Esc. 660500



Fernando,
Rei da Nossa Baviera
de Eduardo Lourenço
(Prêmio da Associação Internacional
de Críticos Literários - 1986)
Esc. 1200500

LIVROS

DA

IMPrensa NACIONAL

IMPrensa NACIONAL - CASA DA MOEDA